

DA DIMENSÃO DA SOBREVIVÊNCIA: UM ENSAIO SOBRE A ROBUSTEZ DA ESPÉCIE A PARTIR DA TEORIA DO SÍMBOLO DE NORBERT ELIAS¹

Maria Luisa Bissoto*
Francisco Cock Fontanella**

Resumo

O objetivo deste artigo é tecer considerações quanto à relevância da emergência de um sistema de condutas socialmente mediadas mediante de um sistema de comunicação simbólico para a viabilidade da espécie humana. Tais considerações serão abordadas principalmente sobre a hipótese desenvolvida por Norbert Elias na obra *Teoria Simbólica*, onde a emergência de um viver em sociedade é entendida como uma das principais condições que possibilitaram a nossa espécie alcançar patamares de sustentabilidade. A este enfoque apõe-se, no sentido de enriquecer a compreensão do leitor e de aprofundamento do tema, um estudo a respeito da viabilidade evolutiva de sistemas matematicamente modelados, desenvolvido por Peter Allen. Em nosso entender, essas considerações se revestem de importância, por remeterem ao estudo de elementos constitutivos dos processos de civilização e de descivilização, ajudando no entendimento de como tais processos surgem e interferem um sobre o outro.

Palavras-chave: emergência - símbolo - socialização - civilização - viabilidade

Abstract:

The main of this paper is to tissue considerations about the prominence of the emergence of a socially mediatorial conducts system by mean of a symbolic communicator system to the viability of human species. These considerations will be mainly approached concerning the hypothesis developed by Norbert Elias in *Symbol Theory*, where the *enaction* of a social life is understood as one of principal conditions that enabled our species to succeed levels of sustentability. It is put together with this hypothesis,

* Doutoranda FE - UNIMEP

Email:

** Prof. Dr. da FE - UNIMEP

Email:

increasing the reader's insights and making a more profound study of this matter, a search developed by Peter Allen about evolutionary viability of mathematically shaped systems. In our comprehension, these considerations also get importance because they forward for the study of constitutive elements of civilizing and decivilizing processes, favouring the understanding about how these processes enact and interfere each other.

Keywords: emergence - symbol - socialization - civilization – viability

Introdução

A evolução da espécie humana marca um momento único na história natural: *pela primeira vez padrões de conduta socialmente aprendidos se sobrepuseram a padrões de conduta geneticamente fixados*. Ao leitor mais afoito, o peso desta afirmação - como ocorre com outras encontradas nas obras de Norbert Elias- pode passar despercebido; pode até ser encarada como uma afirmação superficial e de escassa importância - “Quem já não sabe disso?”. E é, contudo, uma afirmação, à qual se deve atribuir profunda e sempre renovada consideração - o viés evolutivo “tomado” pela nossa espécie não representou pouca mudança em termos de interação espécie/meio: minimamente equipada com padrões de conduta geneticamente fixados, o esforço de nossa espécie para incrementar estratégias, que a tornassem viável, deve ter sido tremendo. Viés que, talvez por isso mesmo, não tenha nunca se repetido em qualquer outra espécie - e nem parece que o venha a ser, descontados aqui os avanços tecnológicos - e em relação ao qual ainda não há, afinal de contas, nem mesmo a certeza de que tenha sido uma inovação bem-sucedida.

Este ensaio propõe, então, como eixo norteador, uma análise mais acurada da afirmação acima destacada; análise que se dirigirá, principalmente: I) a considerações quanto à emergência de fatores, que permitiram a nossa espécie alcançar - ao menos até agora - patamares de viabilidade e dentro destes fatores, II) à importância preponderante da emergência de um sistema comunicativo simbólico.

Que conseqüências é possível imaginar, em termos de características de desenvolvimento, numa espécie que “perdeu” um referencial inatamente fixado a guiá-la em sua interação com um mundo físico (material) real?

Uma das primeiras conseqüências dessa transformação deve ter sido a passagem de uma consciência coletivamente unificada - mesma forma de perceber/agir em relação ao entorno, comunicação, constando de imitação e de um estoque limitado e invariante de signos guturais e gestuais - para formas de percepção/ação individualizadas e potencialmente diferenciadas entre si. Esta deve ter sido uma mudança brutal. A minimização de padrões geneticamente fixados, longe de influir somente na possibilidade de respostas do organismo ao entorno, deve ter alterado, sobretudo, a percepção deste entorno.

no, deixando de enquadrá-la dentro de um conjunto finito e limitado de hipóteses. *Ao humano abriu-se a aventura de "criar"* - em que pesem os cerceamentos anatômico-funcionais de nosso sistema perceptivo - *interpretações próprias quanto ao experienciado. Isto não significa afirmar* que tais interpretações ocorriam em um vácuo social, mas que se situavam como próprias no sentido de "pertencerem", em última instância, às interações ensejadas pelo próprio indivíduo, ao se pôr no mundo. São, como discorreremos adiante, pertinentes aos esforços auto-organizativos de cada organismo, são *de cada um*.

Esta transformação, por sua vez, deve ter gerado muitos problemas em termos de manutenção da viabilidade da espécie... Se num esquema de consciência coletivizada há um compartilhamento natural das ações, que devem ser encetadas para garantir tal viabilidade, num cenário de *indivíduos* isso muda de figura. Como compartilhar interpretações próprias, como organizar um viver que deveria atender a desejos e necessidades individuais, num espaço que continuava a ser coletivizado? E mais: como se assegurar de que as próprias hipóteses interpretativas e direcionadoras das ações a serem executadas garantiriam a sobrevivência? O método de aprendizagem por ensaio/erro apresenta um sério problema em termos de viabilidade: só se vive uma vez! Há que se obter um mínimo de sucesso nas ações a serem executadas, sob pena de não se viver para tentar de novo. O viver em um entorno marcado pela inventividade cega pode muito bem ter-se revelado como assustador. Dentro deste quadro, quais foram - e como podem ser justificadas - as ações que favoreceram a sustentabilidade² da espécie?

Exploraremos esta questão por meio de duas vertentes: a) dentro do escopo teórico das Ciências Cognitivas, principalmente dentro do contexto de teorias, que abordam a questão da viabilidade de sistemas complexos em ambientes dinâmicos³ e b) no âmbito das hipóteses desenvolvidas por Norbert Elias em sua obra *Teoria Simbólica*. Explico tal abordagem: fica subentendido que Elias defendeu uma concepção científica do humano, que não se restringe nem ao terreno das ciências sociais, nem ao terreno das assim chamadas ciências naturais. Sua abordagem da evolução humana, enquanto indissolivelmente ligada ao tripé natureza/cultura e sociedade, exemplifica - e materializa!- esta afirmação. O estudo que será por nós apostado a esta sua abordagem se afigura como relevante exatamente por trazer, como resultados obtidos no campo das ciências naturais, afirmações que, facilmente estendidas para o âmbito do humano, aproximam-se em demasia das hipóteses por ele traçadas. Consideramos que, desta forma, a compreensão das idéias expostas por ambas as vertentes resultará enriquecida para o leitor, que queira fazer o esforço de romper com as interpretações dicotômicas quanto ao devir humano.

A teoria da viabilidade evolutiva em sistemas adaptativos complexos abertos

Algumas definições em relação a termos, que serão usados, se fazem necessárias. Na *Enciclopédia de Ciências Cognitivas do MIT* (2001, versão *online*) o termo *sistema* aparece descrito como “um grupo de partes em interação, funcionando como um todo, e distintamente limitado por fronteiras reconhecíveis”. Um *sistema adaptativo complexo aberto* seria um sistema: a) constituído por subunidades, que b) demonstram alta conectividade entre si, c) não havendo um controlador que centralize o comando desta conectividade e que d) interagem umas com as outras através de um sistema de retroalimentação não linear. São sistemas abertos a fluxos de informação e energia e que se auto-organizam. A expressão *auto-organização* se refere à organização interna de um sistema, livre de constrangimentos (direcionamentos) externos, que objetiva manter sua viabilidade. Ainda segundo a Enciclopédia do MIT, mesma versão, a caracterização de um sistema auto-organizativo inclui: a) uma interação dinâmica, que evolui com o tempo, b) flutuações ou busca de estados mais satisfatórios para todo o sistema através de levantamento de opções, c) perda de liberdade, - o que “governa” é o conjunto, d) instabilidade, e) equilíbrio múltiplo, pois o sistema tende a organizar-se em direção a um atrator, um estado - ou estados - considerado “confortável” pelo sistema, f) emergência de estados globais, a partir de interações locais, g) dissipação de energia, h) automanutenção, i) adaptação - tentativa de manter a estabilidade em relação a variações externas, j) hierarquia - há múltiplos níveis de auto-organização no interior do mesmo sistema.

Finalmente, o termo *emergência* aqui designa o “aparecimento de uma propriedade ou característica, não previamente observada, como característica funcional do sistema”. Exemplos de emergência poderiam ser máquinas - seu funcionamento só aparece como propriedade de todo o conjunto e desaparece ou se altera, se partes deste conjunto forem alteradas ou retiradas. De modo rudimentar, poderia dizer que o que emerge é algo que não está ainda contido no sistema, mas que somente aparece em virtude das propriedades interativas deste: é, ainda, devido a esta interatividade, uma propriedade/característica fortemente imprevisível. No contexto destas definições é possível conceber sistemas humanos - quer como indivíduos, quer como coletividades - como sistemas auto-organizativos complexos.

O estudo realizado por ALLEN (1996)⁴ envolveu a pesquisa quanto às estratégias de viabilidade evolucionária de sistemas matematicamente modelados (simulados). Investigou as condições de emergência, do “aparecimento” de propriedades e/ou características potencialmente incrementadoras de ações aparentemente destinadas a manter a viabilidade evolutiva destes sistemas; bem como da possibilidade de transferência destas propriedades e/ou

características para outras situações e sistemas envolvidos. A visão subjacente ao estudo é que as condições de viabilidade, antes de serem determinadas por condutas relacionadas à linearidade causa/efeito, passíveis de serem previstas e selecionadas pelo sistema como resultado de parâmetros de competitividade - tipo “que vença a melhor” - surgem como propriedade de sistemas, que se auto-organizam através de uma hierarquia entranhada de relacionamento entre as diferentes subunidades, que constituem estes sistemas, “guiando-se” pelos estados médios destas subunidades, na tentativa de buscar estado(s) mais ecologicamente satisfatório(s). Em outras palavras, a viabilidade evolutiva dos sistemas estudados emergiria enquanto propriedade e/ou característica de uma *rede dinâmica e colaborativa de interações, marcada pela imprevisibilidade e pelo aprendizado (transferência de conhecimento para outros agentes e situações)*.

ALLEN (1996) traça outras considerações e conclusões, a partir deste estudo:

a) Um sistema evolucionariamente bem-sucedido em manter-se viável será aquele que favoreça ações individuais exploratórias imaginativas e criativas e que, concomitantemente, favoreça a busca por complementaridade exploratória interagentes e por *feedbacks* (retroalimentação) positivos. Em um sistema com estas características, há alto grau de cooperatividade e sinergia e baixos níveis de competitividade.

b) O sistema pode encontrar arranjos estáveis de múltiplos agentes e auto-organizar-se, mantendo equilíbrio entre estes. Não significa, entretanto, que se possa, pela análise destas configurações, saber o que esta rede de interações realmente é. Aliás, nem mesmo o próprio sistema precisa saber quem ou o quê ele “realmente” é, para se auto-organizar, já que este não é um processo autoconsciente. O importante é que o sistema pode achar formas de se estabilizar: esta é a essência da auto-organização.

c) A macroestrutura, que emerge a partir das interações transcorridas no âmbito dos sistemas estudados, restringiu as escolhas individuais dos agentes envolvidos e modelou os processos de experimentação destes. A explicação parece ser que sem um ajuste entre o “comportamento” dos vários agentes não haveria relação entre ações efetuadas por estes e os acontecimentos, aos quais se achavam ligados: cada agente estava envolvido com estruturas resultantes do “comportamento” de outros agentes, “comportamentos” estes sujeitos, enquanto próprios de sistemas auto-organizativos, à incerteza, à imprevisibilidade. A interação dos sistemas com o todo mais amplo, no qual estão inseridos, levou a um diálogo co-evolucionário entre sistemas e meio. Esta co-evolução, por sua vez, significou que mudanças nos parâmetros do meio repercutiram, ao menos parcialmente, nas adaptações ocorridas nos sistemas.

d) A estrutura evolutiva, que emergiu, apesar de bem-sucedida em

termos de sustentabilidade, não se mostrou necessariamente otimizada; houve uma multiplicidade de ações e intenções subjetivas alimentadas por uma rede de informações imperfeitas. A evolução viável do sistema não se mostrou resultante de um tipo de “comportamento” vencedor, sendo melhor caracterizada pelo incremento na variedade e na complexidade de ações. A diversidade foi absolutamente fundamental para o funcionamento bem-sucedido do sistema.

e) A idéia de que a sustentabilidade da evolução levou à emergência de uma comunidade de “comportamentos” interconectados permite a conclusão de que a história de comunidades bem-sucedidas é, em maior grau, uma história de complementaridade cooperativa *inter* agentes e de competitividade em um grau mais baixo.

f) A correlação entre sistemas complexos e sistemas viáveis não é direta. As propriedades, que habilitam um sistema complexo a adaptar-se a um meio dinamicamente mutável, deve levar a novos “comportamentos” e interações, preenchendo as lacunas quanto às condições de viabilidade.

g) Embora modelos dinâmicos, como estes que foram objeto deste estudo, tracem trajetórias no tempo, eles não se mostraram capazes de antecipar mudanças qualitativas; a incerteza quanto aos rumos do processos de longa duração, como é o caso dos sistemas evolucionários bem adaptados, não permite saber concretamente quais ações seriam melhores em um dado momento. Esta “previsão” do comportamento só ocorre em sistemas fixados, não passíveis de aprendizagem.

Se estendidos às tentativas de compreensão, quanto aos fatores que viabilizaram a evolução e manutenção de nossa espécie, tais achados se revelam ainda mais significativos: abrem a possibilidade - dentro do terreno do “cientificamente comprovável” - de conceber nossa trajetória evolutiva como: a) emergente, portanto, aberta ao acaso, ao imprevisível e não redutível a fatores causa/efeito mecânicos e otimizada e selecionados, b) dinamicamente embebida nas relações sujeito/sujeitos/entorno e c) dependente dos ajustes sinérgicos transcorridos nestas relações.

Um tal conceber, por sua vez, se configura como importante, para que haja uma compreensão desta evolução como *processual* - portanto, sujeita a idas e vindas, *por ser/estar sendo sempre feita*; o humano é, enquanto espécie, categoria marcada pelo inacabamento. Esta perspectiva é muito mais que interessante, na medida em que distribui por toda a espécie, de forma coletiva, os esforços- e a responsabilidade - pela continuidade e manutenção desta ação evolutiva; pela *viabilidade* da espécie, enfim. Ainda, tal perspectiva epistemológica e ontogênica contraria correntes teóricas atualmente preponderantes, tanto no âmbito das ciências sociais, quanto no âmbito das ciências da natureza, que se caracterizam por entender o devir evolucionário humano enquanto centrado - e dependente - do indivíduo, quer de sua configu-

ração biológica (genética, anatômica e/ou funcional), quer como resultado das ações individuais.

Estendendo as considerações e conclusões elaboradas por ALLEN (1996) ao âmbito do humano, algumas das hipóteses, levantadas por Norbert Elias quanto às razões que permitiram que uma espécie “despida” quase que totalmente do seu rol de condutas geneticamente fixadas viesse a se constituir como viável, mostram-se importantes. Observamos também que é exatamente por se contrapor às correntes, que reificam a vertente individual do viver humano, ampliando o escopo de teorias que abordam, por outros ângulos, a evolução da espécie, que a obra de Norbert ELIAS se afigura como relevante. Por meio de um olhar que não se prende nem a enfoques monistas, nem a enfoques dualistas, ele hipotetiza um caminho evolucionário humano, no qual a emergência de um estado de *convivência* foi tão importante para esta evolução quanto o aparato biológico anatômico/funcional.

ELIAS (1994) atribui à modernidade - e à tradição filosófica ocidental - a centralização da compreensão dos fenômenos transcorridos no âmbito do especificamente humano sobre o indivíduo; este é, segundo ele, o *bicho da maçã da modernidade*:

A visão do sujeito individual é característica de nossa época. Induz nas pessoas o sentimento de que, num certo sentido, o seu eu individual e, em conseqüência todos os outros indivíduos são mônadas independentes de todas as outras, colocadas em uma posição central no mundo e que podemos explicar todos os fatos sociais, incluindo a comunicação e a condição humana, em termos de ações individuais. (ELIAS, 1994, p. 22)

Ele combate firmemente esta idéia, enquanto concepção que reduz outros possíveis entendimentos quanto aos fatores que atuam no processo civilizador. Sem deixar de lado a categoria de indivíduo, o que representaria um enfoque de diluição deste, ELIAS critica o conceito de *homo clausus*: de ser auto-suficiente, direcionador único e responsável quanto aos rumos de suas próprias ações, capaz de obter por si - e de utilizar somente para si - os conhecimentos necessários à sobrevivência.

Muito contrariamente, desenvolve, em várias de suas obras, a proposição do como foi fundamental para a continuidade de nossa espécie a emergência de um viver eminentemente social⁵. Viver social, que não deve ser confundido com aquele geneticamente fixado, próprio de espécies, que se agrupam em colônias ou bandos, mas que deve ser entendido no imbricamento, que lhe é intrínseco: *“a maturação biológica, no humano, tem que ser completada por um processo de aprendizagem social”*. Nestes termos, o processo de aprendizagem social seria im-

possível sem seu par, aquela que foi, seguramente, a “*invenção*” mais especificamente humana: a de um sistema comunicativo simbolicamente⁶ mediado.

A teoria do símbolo

Explicitamos, abaixo, estas últimas considerações, sintetizando como, no âmbito do pensamento de Elias, a espécie humana adquiriu robustez (capacidade de resistir ao erro, de suportar falhas), para evoluir e manter-se viável.

a) A espécie humana está determinada, por sua própria constituição biológica - quase que completa ausência de comportamentos fixados - a efetuar modificações profundas em seu habitat e em seu modo de vida, sem que haja modificação correspondente em sua estrutura genética. Constituiu-se, desta forma, como a *única espécie em que um processo de desenvolvimento seguiu-se ao processo evolutivo*⁷.

b) *Processo de desenvolvimento que só cresceu robustez à espécie, configurando-se como flexível*: a interação de uma espécie que podia, salvo as limitações anatômicas/funcionais dos seus órgãos perceptivos e dos limites impostos pela materialidade do meio, interpretar sob múltiplos enfoques os contatos estabelecidos com o ambiente e que, concomitantemente, não podia prever exatamente os resultados desta interação, a qual exigiu a elaboração de estratégias adaptativas não rígidas, como condição *sine qua non* de sobrevivência.

c) Entretanto, esta flexibilidade não pôde configurar-se como demasiadamente extensa: o viver sem delimitação de parâmetros de conduta deve ter se mostrado igualmente perigoso. Se é necessário *aprender*, desvelar o meio para sobreviver, há que se guiar por limites que não exponham demasiadamente a vida, enquanto a aprendizagem é buscada. E não só a vida de um elemento da espécie: num viver coletivo sem parâmetros de conduta previamente fixados, o ato de um membro da espécie pode colocar em risco a vida de todos os outros. O escopo delimitador de ações, que não pôde vir da “interioridade” de cada organismo, veio, então, de fora; dos relacionamentos interpessoais⁸.

d) Com um arcabouço mínimo de condutas padronizadas e fixadas o *o-que-fazer* deve ter-se tornado, tanto quanto o viver, inventividade cega. Reforçamos este ponto, por diversas vezes repetido também por Elias em algumas de suas obras, porque é importante que se entenda a imensa tensão colocada para a sobrevivência por um modo de viver que, sem a compreensão plena da totalidade de seu entorno, deveria, mesmo assim, traçar rumos de ação.⁹ Não sendo possível eliminar a inventividade cega, foi possível, gra-

ças ao suporte biológico evolutivo do nosso aparato vocal, tentar ao menos driblá-la: pela troca/compartilhamento de conhecimento¹⁰ *inter pares*; pelo traçar de ações coletivas conjuntas; pelo hipotetizar e testar, por meio de expressão verbal, as ações aparentemente mais convenientes, re-elaborando-as, ou não, de acordo com a rejeição ou aprovação do grupo social, entre outras. *O desenvolvimento humano passa então, decisiva e inapelavelmente, pela emergência de um sistema de comunicação, pelo advento da linguagem.*

e) Esta linguagem é única no reino animal, por não se constituir de signos fixados, mas de *sons com significados dinâmica, proposital, intencional e interacionalmente aferidos*, a partir da vivência dos indivíduos. Houve a emergência da capacidade de representar simbolicamente, o que, conjuntamente, representou a emergência de um mundo, que se poderia chamar de “novo”, pois inédito e sempre se afigurando como inesgotável: o nomear e o classificar de objetos e situações; a busca de congruência entre o “pensado” e o “vivenciado”, busca esta que, bem ou mal-sucedida, resultava igualmente no acréscimo de conhecimento ao grupo social; invenção de formas de armazenar e de acessar com facilidade o conhecimento assim criado; criação de mitos (ou de fantasias) capazes de suprir tal congruência, quando esta ainda não se tornava possível¹¹...O viver humano, a partir da emergência da comunicação simbólica, adentrou, de acordo com ELIAS (1994), numa outra dimensão - tão essencial para este viver quanto as dimensões tempo/espaciais -: *a dimensão simbólica*¹².

f) A simbolização “trouxe” consigo, numa via de mão dupla, uma obrigatoriedade, que se tornou tão vital, tão parte da natureza humana quanto o seriam os padrões geneticamente fixados: o con-viver, o viver inapelavelmente grupal. Só grupalmente é possível ao humano sobreviver, porque só interativamente é que um sistema de sobrevivência simbolicamente fundado pode funcionar: os símbolos permitem testar as possibilidades de ação, que emergem do viver individual, do viver individualmente traçado - auto-organizado. Isso é mais do que afirmar que o humano necessita de outros da mesma espécie para sobreviver: o contato, as interações sociais *são a constituição do humano; os seres humanos são interfaces mutuamente necessárias.*

g) Enquanto forma de comunicação não fixada, a linguagem (simbolização) se afigura, entretanto, também como “incerta”. É fenômeno que transcorre sempre na fronteira entre a compreensão simbólica de mundo por parte de um sistema que se auto-organiza segundo esforços ontogênicos ambientalmente embebidos e outros sistemas tão igualmente complexos. Há, assim, na comunicação, uma atribuição individual de significados, que foram historicamente - vivencialmente - constituídos, significados que numa interação social são compartilhados. Sob este ângulo, podemos dizer que *toda troca lingüística se baseia na crença do emissor de que esteja sendo compreendido pelo receptor.* Agora, se o agir comunicativo é tão vital para a espécie - tanto

no sentido de orientar condutas de ação quanto na testagem/falseabilidade das hipóteses de ação que cada indivíduo “levanta” em seu viver - como pode transcorrer numa base tão frágil e instável?^{1 3} O símbolo incrementou a congruência comunicativa - a relação símbolo/realidade e a transmissão interpessoal da representação desta relação deveria ocorrer com o mínimo de “ruído” possível, sob pena de ameaça à sobrevivência; congruência que, com a complexificação do desenvolvimento social necessitou ser ainda mais refinada: emergência do grafismo, do alfabeto, do sistema numérico,... O incremento da exteriorização simbólica favoreceu o armazenamento e o compartilhamento de conhecimentos, o registro e o recolhimento do conhecimento “espalhado” por várias fontes, acelerando os processos de elaboração de novos conhecimentos.^{1 4}

h) Já afirmamos anteriormente que as interações sociais serviram (servem) como mecanismo de controle e de coesão do viver coletivo. A linguagem, como componente fundante deste viver, assume papel central neste controle. Embora - como afirma ELIAS (1994) - a atribuição do som ao objeto a ser identificado no ambiente tenha sido aleatória, depois desta atribuição há uma padronização simbólica: um indivíduo só será compreendido - e tudo o mais que esse ser compreendido envolve: acesso a trocas de conhecimento interpessoais, ao fundo de conhecimento socialmente constituído, o que por sua vez permitirá que ele reúna condições de incrementar este conhecimento - se se submeter a utilizar esta padronização. Submissão que significa domínio do aparato vocal para a emissão de determinados sons, de habilidades cognitivas como atenção, memorização e identificação som/objeto, controle do comportamento e aceitação da pressão do grupo social sobre si, entre outros. Submissão que deve também ser aprendida, e o é pelas várias vertentes educacionais desenvolvidas no interior de cada grupo social. Padronização que, por outro lado, permite que o conhecimento “dure” o suficiente para ser passado de uma geração a outra, ou até que um conhecimento mais aperfeiçoado ocupe seu lugar.

i) Há, porém, uma margem de tolerância quanto aos desvios, que serão aceitos, e em que situação o serão. Esta margem de tolerância se mostra extremamente importante, pois é este espaço que impede que a comunicação se cristalice; é nele que o signo revela seu caráter de inacabamento, de flexibilidade, sem o qual a construção de novos signos - e, portanto, de novos conhecimentos - não seria possível. Um dado sistema de linguagem pode também perder seu poder, se deixa de ser o conjunto da representatividade dos atos individuais; se não consegue mais representar adequadamente o cognoscível em um determinado grupo social. Isto ocorre, por exemplo, quando o incremento de descobertas científicas de uma coletividade passa a exigir um novo vocabulário, novos termos através dos quais os novos conhecimentos possam ser representados, materializados: o que não consegue ser simbolizado, não existe^{1 5}.

j) A comunicação simbólica emancipa o viver humano do plano do momentâneo: a elaboração do discurso parte de um distanciamento entre falante/objeto, permitindo também que estes objetos sejam localizados no tempo e no espaço; conferindo uma condição de fluxo processual à comunicação e à constituição do viver. Esta condição de fluxo processual explica por que as comunidades humanas não desenvolveram uma única linguagem, ou alcançaram o mesmo estágio de desenvolvimento cognitivo. A linguagem, a comunicação simbolicamente mediada, está intimamente ligada ao como uma certa comunidade experimenta e interpreta o viver, o que, por sua vez, também afeta a natureza da linguagem: é processo histórico, contextualmente embebido.

Concluindo...

Ambas as perspectivas aqui expostas apresentam pontos de semelhança, ao tentar compreender alguns dos fatores que, surgidos num processo de evolução, permitem que esta se configure como viável e que assim se mantenha. Entre esses fatores podem ser destacados:

- A vantagem que representa para um sistema em evolução a emergência da habilidade de guiar-se por condutas a serem descobertas e aprendidas. Embora sistemas, que se pautam por condutas fixadas, trabalhem com uma margem de segurança maior, tais sistemas também se expõem mais a riscos de extinção exatamente pela rigidez de condutas, que lhes é peculiar: não obtém sucesso na adaptação, se as condições de existência se alteram.

- Flexibilidade, criatividade e diversidade de atitudes são, então, características fundamentais para a sustentabilidade da evolução. Mas, por outro lado, para que tais características obtenham sucesso em manter a espécie existindo, se faz necessário que, concomitantemente, haja coordenação de ações e de tomada de decisões entre os elementos, que compõem um determinado sistema evolutivo.

- Esta coordenação de ações pressupõe, por sua vez, uma sinergia, um ajuste inter-relacional entre os componentes do sistema; quanto mais refinado este ajuste, melhores as possibilidades de que as ações efetivadas obtenham sucesso.

- Tal sinergia não é, entretanto, mecanicamente herdada. Deve ser aprendida com e nos relacionamentos inter pares; o que na espécie humana foi sobremaneira incrementado pela emergência da comunicação simbólica.

Esta última afirmação é, em nosso entender, a mais importante a ser considerada, quando se busca detectar quais fatores são determinantes para a robustez de uma espécie. A tomada de consciência, de que nossa espécie está contínua e processualmente sendo feita, atribui a cada um de nós, a cada

membro da espécie, a responsabilidade por esta continuidade. Estabelecemos enquanto espécie viável, porque *aprendemos* a elaborar estratégias de domínio do meio, porque *aprendemos* a gerenciar ações de maneira coletiva, porque *aprendemos* a estabelecer congruência entre objetos de nosso entorno e simbolização lingüística, porque *aprendemos* a armazenar conhecimentos e a transmiti-los uns aos outros, porque *aprendemos* a pautar nossas condutas por uma relação de “amar-e-aprender”. ‘Aprenderes’ que, embora possam ser individualmente representados, são, por origem primeira, sociais: até mesmo o conhecimento mais primeiro, as informações que nos chegam via órgãos dos sentidos, nossas percepções/interpretações de mundo já estão socialmente – portanto, simbolicamente - mediadas.

Entretanto, como sistemas complexos e auto-organizativos, sujeitos à emergência do novo, do inusitado, não somos rigidamente determinados pelo viver social: cada um de nós continua uno, com toda uma gama de interpretações criativas, de desejos e crenças próprios. E é exatamente aqui que se situa o nó da condição humana: o de sermos seres conscientemente individuais “condenados” a só sobrevivermos socialmente. Esta é a fronteira do humano, a tensão entre a consciência de ser desejante e criador de valor e o viver entre outros seres que também o são. Viver que não pode abrir mão nem de um, nem de outro, sob pena de perdermos a diversidade advinda do uno, ou de reificarmos, cristalizando, a individualidade. Viver que implica em restrições ao prazer de *ser* autônomo, mas que, por outro lado, possibilita *ser*. O que, nas palavras de Elias, significa *equilíbrio entre a autocontenção e a auto-realização*.

Este viver implica em colocar a questão da sustentabilidade quanto ao desenvolvimento da espécie num patamar de *cognição social*: o aprender não só a refinar conhecimentos e formas de armazenamento e transmissão destes, mas, primordialmente o aprender a “ajustar-se”, sem perder-se de si à teia de interdependência social, que habitamos e que nos habita.

Num tal viver entrelaçadamente social a ocorrência de processos de dominação pessoal e grupal é bastante suscetível de ocorrer. Lembremos, porém, de que não nos pautamos por condutas fixadas, imutáveis: não precisa ser assim, embora possa ser e seja em frequência muito maior do que seria desejável. *Emergimos enquanto espécie, criando uma dimensão de interpretação e constituição comunicativa de mundo*, exatamente para “darmos conta” da especificidade sócio-cognitiva do viver. Criamos o espaço para o novo, para a possibilidade de mudança. É ao processo de descobrirmos, de aprendermos como isso pode continuar a ser feito, agora no âmbito de outras configurações sociais, que temos que dar prosseguimento.

Norbert Elias acreditava que a humanidade tem milhares de anos pela frente para tentar.

Esperamos, sinceramente, que ele esteja certo.

Notas

- 1 Palestra proferida no IV Simpósio Internacional Processo Civilizador, Assis, 2001. Por robustez entenda-se o incremento na capacidade de um sistema em suportar erros e falhas.
- 2 Entendida aqui como a possibilidade de encontro entre micro e macroestruturas que sejam mutuamente compatíveis e que possam coexistir. Segundo ALLEN, 1996.
- 3 A Teoria da Viabilidade foi inicialmente proposta por AUBIN, 1991. Grosso modo, refere-se à modelação matemática de sistemas complexos, buscando compreender as interações necessárias que devem ocorrer em tais sistemas de forma que a sustentabilidade destes seja mantida em relação a um determinado domínio. No presente ensaio, entretanto, utilizei um estudo sobre a viabilidade evolucionária em sistemas complexos realizado por Peter ALLEN (1996).
- 4 O estudo realizado por Peter ALLEN (1996) pode ser encontrado em www.reids.msh-paris.fr/communic/viability/allen.htm. O título do trabalho é *Viability and evolutionary complex systems*.
- 5 ...uma ação individual raramente é auto-suficiente. É, habitualmente, orientada para as ações de outras pessoas. Em geral, o significado de uma ação para o ator é co-determinado pelo significado que ela assume para os outros. As relações das pessoas entre si não são aditivas. A sociedade nem é um amontoado de ações individuais, nem um formigueiro de ações mecânicas, é teia de interdependência. (ELIAS, 1994, p. 51)
- 6 Por símbolo Elias entende dados físicos, suportados pela condições evolutivas biológicas do aparato vocal (ELIAS, 1994, p. xvi)
- 7 Evolução e desenvolvimento são, para Elias, meios transmissores de conhecimento entre os membros de uma espécie, objetivando potencializar a sobrevivência desta. As diferenças entre ambos os conceitos se relacionam aos modos de transmissão deste conhecimento: via genética quando há referência à evolução e por meio de aprendizagem (social) quando há referência a desenvolvimento.
- 8 A constituição natural dos seres humanos prepara-os para aprenderem com outros, para viverem com outros, para serem mantidos por outros e para cuidarem de outros. Podem passar por grandes transformações em seu viver sem transformações genéticas. (ELIAS, 1994, p. 146)
- 9 Viver que se assemelha ao viver humano atual, excetuando-se talvez, que nossas tentativas - e relativo sucesso- de previsibilidade e controle do meio nos permitem, agora, maior margem de segurança quanto às ações por nós encetadas.
- 10 Conhecimento é concebido, na Teoria Simbólica, como a concretização de um potencial biológico por meio do encontro de uma pessoa com outras; é teia de símbolos social e culturalmente implantados num campo fisiológico preparado para sua implantação. Pertence ao vasto espaço dos processos que ligam a natureza, a sociedade e a cultura. (ELIAS, 1994, p. 116)
- 11a espécie teria desaparecido num mundo que, em grande parte, não conhecia e nem podia conhecer, sem a capacidade de estabelecer um conhecimento imaginário e de comunicar sobre ele; preencheram as lacunas de seu conhecimento congruente com a realidade (que acabamos por chamar de conhecimento racional) por meio de um conhecimento baseado na fantasia. (ELIAS, 1994, p. 73. Observação entre parênteses nossa)

- 12 (...) pela aquisição da competência de enviar e receber mensagens na forma codificada de uma língua social, as pessoas obtêm acesso a uma dimensão do universo que é especificamente humana. Elas continuam localizadas nas quatro dimensões do espaço/tempo, mas estão, além disso, localizadas também numa quinta dimensão, a dimensão simbólica (...) (ELIAS, 1994, p. 47)
- 13 - Complementando a argumentação quanto à “fragilidade” da compreensão na ação comunicativa humana:
- A evolução das estruturas biológicas não necessitou também, para ser garantida a aprendizagem da comunicação verbal, de destruir totalmente os meios de comunicação pré-verbal. (...) os sorrisos, gemidos, gritos de dor, detêm ainda uma função ativa nas relações humanas de comunicação. Mas é uma função auxiliar. Estes sinais espontâneos vieram também a ficar sob o domínio da pessoa. Podem ser os descendentes de um padrão de reação exclusivamente automática que se tornou parcialmente controlável através da deliberação pessoal (...) desempenham papel de suporte na comunicação através de símbolos verbais que são específicos do grupo, mas não específicos da espécie e que só podem, portanto, ser adquiridos através da aprendizagem. (ELIAS, 1994, p. 30)
- 14 Para maiores informações, ver DONALD, Merlin. *Origins of the modern mind: three stages in the evolution of culture and cognition*. USA: Harvard University Press, 1993.
- 15 (...) uma língua representa simbolicamente o mundo tal como ele é experimentado pelos membros de uma sociedade em que essa língua é falada. (...) todos os símbolos implicam em relações que indicam como as pessoas que utilizam uma camada de símbolos particular ligam entre si o mundo e os seus vários aspectos. (ELIAS, 1994, p. 131)

Referências:

- ALLEN, Peter. **Viability and evolutionary complex system**. Disponível em: www.reds.msh-paris.fr/communic/viability/allen.htm). Acessado em: 08 jul. 2001.
- ELIAS, Norbert. On human beings and their emotions: a process-sociological essay. In: _____. **The body: social process and cultural theory**. London: Sage, 1991. p. 103-125.
- ELIAS, Norbert. **Teoria Simbólica**. Portugal: Celta, 1994.
- Encyclopaedia of Cognitive Science. MIT library. Disponível em: www.mit.edu. Acessado em: 21 set. 2001.
- OUDSBLOM, J e Mennell**. The Norbert Elias Reader. **UK: Blackwell, 1998**.

Recebido em: 25/11/02
Aprovado em: 16/12/02